gos de saudade de alguns amigos, entre eles Fernandes Alves e general Dantas Baracho e Pedro Muralha, e muitos outros Notícias da Imprensa do Porto, Lisboa e estrangeira. Jornal No.899 de 29 de Março de 1914. Segue-se mais: os jornais de 5 de Abril a 12 do mesmo. Para se fazer qualquer alusão à imponência do funeral precisava de estas notas serem dadas pou um da força do falecido e não por mim. Francisco Henriques da Silva. (No final vem a palavra Ignácio talvez da mão de Manuel Joaquim e novamente a nota: Faleceu a 11 de Março de 1914."

Para se avaliar da honestidade e e lealdade de Manuel Joaquim, transcrevemos as seguintes cartas dele, com data de 8/9/1922, uma dirigida a "Tierra Libre" e outra a "El Socislista", jornais de Espanha:

Em papel timbrado de "A Batalha" e sendo então Manuel Joaquim de Sousa secretário Geral da C.G.T.:

" Lisboa, 8/9/1922. A "El Socialista"-Madrid-Já muito tarde chegou ao meu conhecimento o exemplar de "El Socialista de 24 de Junho, que insere uma pseudo entrevista com a minha pessoa e assinada por Trifón Gomez. Digo pseudo porque, de facto, não a tive, nem com T.G., nem com qualquer outro. A ser assim, eu convidaria o entrevistador a escrever os apontamentos para antes os examinar para não acontecer o que, afinal, veio a acontecer -serem-me atribuídas considerações e afirmações que não fiz. Conversei, é certo, por vezes, com Trifón Gomez, mas conversas curtas, sempre incompletas, como acontecem sempre entre camaradas de países diferentes, quando em grupos com outros - conversas entrecortadas por intromissões ocasionais de outros camaradas,

que, em torvelinho, também fazem perguntas ou obtem respostas. Assim, por exemplo, T.G. atribui-me isto: " No Congresso celebrado pela União (Geral de los Trabajadores), em Outubro de 1918, tive ocasião de conhecer Largo Caballero, Besteiro, Remigio Cabello, Saborit, Acevedo e outros", - "que escutei dos seus lábios a gestão que realizaram até prepararem a greve de 1917", etc., etc..... Mas: "em 1918, não saí de Lisboa, logo não lhe poderia ter dito (na pseudo entrevista) semelhante coisa." "É tão verdadeiro aquele facto, como o respeitante às apreciações que me atribui em relação aos anarquistas espanhois que orientam a organização sindicalista de Espanha"..... Quis o acaso que conversasse com José Sanchez camarada espanhol residente em Portugal, e que também conversou com T.G. Sanchez logo esclareceu o caso: "quem falou com Trifón e lhe contou que assistiu ao Congresso da União, fui eu... e conheci aqueles elementos socailistas que T.G. cita na pseudo entrevista." Nesta carta M.J.S. pede ao redactor de "El Socialista" que insira no jornal este desmentido.

Da carta, enviada por Manuel Joaquim a "Tierra Libre", destaco o seguinte: "Se o camarada Vicente Garcia não tivesse enviado para os camaradas de "A Comuna", do Porto, e estes para mim, "El Socialista", que insere uma pseudo entrevista, que não fiz, eu passaria aos olhos dos camaradas espanhóis que me conhecem, por um intrujão vulgar, posto que correria mundo um chorrilho de mentiras, sem o menor desmentido ou esclarecimento... Nesta data, envio àquele jornal uma carta com o preciso desmentido e... peço-vos para publicardes a mesma, tanto mais que ignoro se "El Socialista" a publicará ou não. Sempre vosso e da causa, Manuel Joaquim de Sousa." Avalia-se assim da personalidade de M.J.S. desejoso de firmar a verdade.

Os Anarquistas e a Guerra

Manifesto dirigido aos Cidadãos, em nome dos Anarquistas do Norte de Portugal, datado do Porto, em 26/3/1916. Na mesma altura ou pouco antes, circulou outro manifesto, que aqui se trnascreve em parte, intitulado: "Nós e a Alemanha", publicado pelo Grupo de Propaganda Libertária do Porto. Conclui assim:

" Como guerra só aceitamos a de classes. E esta guerra não existe apenas neste ou naquele país, com um ou com outro sistema de governo: existe em todos os países e com todos os governos."

Manuel Joaquim de Sousa foi muitas vezes criticado, principalmente pelos comunistas, que lhe chamavam, depreciativamente, o "émejota" e "Barão da Sola", devido ao facto da sua profissão ser a de sapateiro. Em 1922, o célebre José Gomes Pereira, o "Avante", foi vítima de um atetado a punhal. Tinha uma vida misteriosa de militante ou revolucionário de acção directa, de bombista. Depois do atentado pretendeu justificar-se na "Batalha", da acusação que lhe faziam de estar vendido à polícia e à Confederação Patronal. Enviou duas cartas a Manuel Joaquim de Sousa, pedindo-lhe a publicação na "Batalha", que M.J.S. entendeu não dever publicar. Avante, então, publicou um manifesto "Ao Povo Trabalhador", esclarecendo a seu modo o caso, afirmando que M de facto se pusera ao lado da situação política de então, mas para combater uma "revolução" de João de Castro Osório, integralista, (filho de Ana de Castro Osório), e atacando Manuel Joaquim por não lhe ter publicado as cartas. O manifesto fora impresso na Associação dos Compositores Tipográficos.

Manuel Joaquim de Sousa e Errico Malatesta:

Postal privativo de "Umanitá Nova" -quotidiano anarquista - Amministrazione: Casella postale Roma:

" Sig.Manoel Joaquim de Sousa.-Diário "A Batalha"
Calçada do Combro,38-A-2o. - Portogallo - Lisboa - selo de IO centesime - Poste Italiane"- e outro de 40 cent.+ carimbo do correio de Roma - Ferrovia - de I7/5/I922 cujo texto segue: "Roma I7/5/I922

" Caro Compagno:

"Aripondendo al la sua dell'8 maggio,li comunico che finor dopo l'articolo "Funzione dei Sindacati nella Rivoluzione", non ho scritto altro nall'argomento.Vi mando sotto fiscia il sopposto que preguntes al Congresso di Ancona sulla questiona della organizzagioni operaria.Fosseti podrê informare,parabanque son vi travessi,nulla di novo.Saluti cordiali,vosso Errico Malatesta!

Manuel Joaquim de Sousa,em I de Setembro de I922, enviou a seguinte carta ao Ministro do Trabalho,escusando-se a aceitar o car de membro de uma comissão encarregada de fazer um inquérito ao custo dan vida:

Exo. Snr. Ministro do Trabalho:Tinha dito a V.Exa.,quando m convidou para fazer parte da Comissão encarregada de fazer o inquérito ao custo da vida, que aguardava a reunião do Conselho Con federal da C.G.T. para o consultar sobre essa nomeação, visto desempenhar nesse organismo um cargo de responsabilidade que me impunha esse dever.Esse organismo reuníu já, mas foi-me impossível apresentar-lhe a consulta,podendo no entanto faze-lo na próxima reunião.Resolvo,porém,não o fazer e deliberar por meu motu-própri É dessa deliberação que venho dar conta a V.EXA.Está próxima a re lização do Congresso Nacional Operário.Nesse Congresso termina o meu mandato.E como não tenciono ocupar cargo algum dentro da orga nização sindical depois desse Congresso,entendo não devr desempenhar aquele para que V.Exa. me nomeou,por desejar conservar-me alheio a possíveis mal entendidos ou desonestas insinuações,como

intencionadas.Não estranhe V.Exa. esta resolução.Ela é resultante de cauaas morais com poderosa influência na minha orientação pessoal.,etc....."

Atitude mais uma vez leal e honesta de Manuel Joaquim de Sousa.

Manuel Joaquim de Sousa recebeu a seguinte carta da União Sindical Italiana:

Papel timbrado Associazione Internazionale dei Lavoratori-Sezione per l'Italia:Unione Sindicale Italiana - Via Achille Mauri - 8 - Milano(6) - li 28/7/1923 -" Carissimo compagno,Vi unisco la tettera dichiarazione del Comitato Esecutivo dell' Unione Sindacalè Italiana dalla quale potrete trarre materia di argomentazione per ogni eventuale risposta al 2I seguaci di Mosca (Moscovo).Mandateci la vostra Batalha che non riceviamo que a Milano e diteci se ricevete gueire di classé.Con i migliori saluti,per l'Ufficio di Segreteri,A.Giovanneti - (Traz selo de:Unione Sindicale Italiana)

Um pensamento de Manuel Joaquim de Sousa:

"....afinal,o que é necessário é eliminar o patrão-parasita,o empresário que explora,que acumula o Capital,à custa do trabalho não pago,que amontoa a fortuna,a riqueza,e com ela impõe,com o auxílio do Estado, a subordinação e a miséria."

Manuel Joaquim de Sousa também recebeu uma carta da Unione Sindacalr Italiana,de 28 de Junho de 1923,,a propósito do Manifesto dos 2I partidários de Moscovo(comunistas moscovitas)com o seguinte honroso vocativo:"A Egregio Compagno M.J.Sousa.

Notas várias do Passado:

Em 1902, José do Vale, mais tarde redactor de "O Mundo", publicou um folheto de propaganda anti-militarista, sendo as requisições feitas a Bartolomeu Constantino, Páteo do Bahuto, 13, Lisboa.

O Livreiro editor Gomes de Carvalho era simpatizante das Ideias libertárias: Livraria Central de Gomes de Carvalho, Lisboa.

Obras publicadas por essa época - 1905 :

Árvore do Natal - por Zuzarte de Mendonça
Casal do Caruncho - por Eduardo Perez
Os Exploradores da Lua - por H.G.Wells
A Gíria portuguesa - por Alberto Bessa
Heróis Modernos - por Afonso Gaio
A Imprensa em Portugal - por França Borges
Ladeira acima - por César Porto
A Mentira Religiosa - por Max Nordau
A Mulher de Luto - por Gomes Leal
Narrativas do Tempo Primitivo - por H.G.Wells
A Nova fase do Socialismo - por João de Menezes
O Padre - por Raul Brandão
Pão para a Boca - por Leon Tolstoi
A Peste - por Joaquim Leitão
O que é a Religião & por Leon Tolstoi
Razão, Fé e Oração - por Léon Tolstoi
A Razão de um Padre - O Bom Seso do Cura Meslier - trad.de França Borges.
Tuberculose Social - Colecção e Obras por Alfredo Gallis

Do jornal "Germinal", número 5, de 1902:

A crise corticeira. Era seu prestigioso elemento Joaquim Sebastião, que iria ocupar-se do assunto neste jornal, a respeito da crise corticeira nos centros corticeiros de Messines e Odemira.

José do Vale escreve sobre a Greve de Gouveia. Noutro artigo, critica as eleições.

Grande trepa no Guerra Junqueiro que, depois de escrever grandes obras, como "Musa em Férias", "os Simples", "A Velhice do Padre Eterno", a "Morte de D. João", escreveu a laracha religiosa intitulada "Oração ao Pão", pretensa imitação de Tolstoi, mas um "tolstoianismo" de que o próprio Tolstoi se envergonharia de subscrever.

" A Questão Religiosa" - pequeno opúsculo de Teófilo Braga, editado pelo jornal libertário " O Amigo do Povo". Custava 20 reis. Vendia-se no Porto, no Kiosque Elegante.

Manuel de Oliveira, corticeiro, anarquista, estando no estrangeiro e necessitando de regressar, uma comissão de corticeiros enviou-lhe, mediante subscrição, o dinheiro para a despesa, que ele depois devolveu, declarando que a sua consciência lhe ditava esse procedimento.

Em 1904, havia no Porto, o Grupo Editorial " Biblioteca Revolucionária" - publicou o folheto No. I, "Um século de Expectativa" de Pedro Kropotkine (1789-1889). Preço 50 reis. a seguir, publicou:

No. 2 - W.Tcherkessof - "Páginas de História Socialista"

No. 3 - Angelo Vaz - "Neo-Malthusianismo"

No. 4 - Charles Malato - "Humanidade Nova".

Pedidos e Reclamações, dirigidos a José de Sousa - Rua da Torrinha, 329 - Porto. (Não confundir com o J.Sousa dos anos 30)

Em 1902 - No. 5 de "Germinal!", semanário sociológico. Ano I Ano I - Lisboa - II de Novembro de 1902 - Editor responsável Thomaz Mathias - Rua do Rato 33 - Tipografia, Redacção e Administração. - Na Ia. página, artigo sobre os Mártires de Chicago - II de Novembro - por José do Vale, anarquista, volvido depois em republicano e redactor de "O Mundo".

Outros artigos sobre o mesmo assunto, de os mártires de Chicago, por Cláudio de Lisle. Este era o pseudónimo do anarquista italiano José Chite, preso e expulso do País. Entrou em greves no Porto. Fugiu desta cidade para Beja, onde editou folhetos com este pseudónimo. Manuel Joaquim de Sousa fala dele nas suas Memórias incompletas.

Folhetos publicados por "Germinal!", em 1905:

Os Crimes da Igreja - por Associação do Registo Civil de Lisboa.

A Ideia - por Bernardo Lucas

A Escravidão Antiga e Moderna - por Emílio Arana

A Igreja e o Proletariado - por Heliodoro Salgado

Catecismo Liberal - por " "

Autópsia à Bíblia - por " "

Psicologia do Militar Profissional - por A.Hamon

Determinismo e Responsabilidade - " "

Pátria e Internacionalismo - " "

A Minha Defesa - por J.Etievant

Folhetos publicados em 1905:

A Sociedade Futura - por Jean Grave
A Conquista do Pão - por Kropotkine
A Moral anarquista - " "
Entre Camponeses - por Malatesta
A Anarquia - " "
Os Crimes de Deus - por Sebastião Faure
O Socialismo Libertário ou o Anarquismo - por Sliva Mendes
A Mulher - por Soledad Gustavo
Carta a Pio VII - por Talleyrand, arcebispo
Germinal - por Zola
Trabalho - " "

Artigo do "Diário de Notícias" - Secção "Artes e Letras" - 4 de Junho 1970 - Entrevista de Carlos Pinto Coelho com Machado da Rosa, professor catedrático, licenciado em fálosofia germânica (Coimbra) e doutorado em Espanhal pela Universidade de Wisconsin, E.U.A.

Diz que " se deformou em Coimbra, para se formar e doutorar em Madison".

" Mal vai a um país quando se esquece dos maiores valores que teve, porque demonstra que o seu próprio valor atravessou um eclipse."

Nós, anarquistas, não nos podemos esquecer dos valores nossos passados, como condição necessária da sobrevivência da nossa doutrina, inspiradora e guia imprescindível das modernas gerações irridentes. (F.Q.)

"Eça, discípulo de Machado" (de Assis) - por Machado da Rosa. 5 vols. de "Prosas esquecidas" , de Eça, preparados e prefaciados por Machado da Rosa. E mais 2 ou 3 vols. sobre Antero e Oliveira Martins."

A geração de 70, foi grande porque foi livre.

Não havia a censura rígida, de hoje, isto é, de D. Carlos para cá. Quando muito, havia a polícia, mas não um ambiente pesado de asfixia, de negação absoluta de todas as liberdades. O pensamento, mais do que murchando, curva-se, anquilosa-se, adapta-se e per de personalidade.. (F.Q.)

A desinteligência mais grave, a que deu lugar esta questão, foi a que se seguiu à ida de Manuel Joaquim de Sousa, como representante da C.G.T., ao Congresso da A.I.T., realizado em Paris em I925 ou I926.

O assunto foi levantado, principalmente, por Santos Arranha, militante de prestígio da organização mobiliária, e que fora secretário geral da C.G.T., quando Manuel Joaquim terminara o seu mandato.

Os comunistas, socialistas e neutralistas puseram-se ao lado de Arranha, que não os repeliu, pondo assim em perigo a orientação libertária da C.G.T.

A luta foi renhida e apaixonada, - isto, em I926, já em regime ditatorial -, e tanto Sousa como Arranha foram afastados da actividade confederal.

Este último partiu para o estrangeiro, mas o primeiro conservou-se em Lisboa.

Em I928, foi preso com quase todos os membros do Comité Confederal, embora não fizesse parte dele.

Passados uns dois meses foram todos postos em liberdade.

Mas as perseguições continuaram e alguns camaradas resolveram convidar M.J. de Sousa a regressar à actividade, visto muitos militantes terem sido forçados a afastar-se.

Foi então investido no cargo de secretário do Comité Confederal, e, entre outras missões, foi encarregado de ir representar a C.G.T. no Congresso de Madrid, da C.N.T.

Nesse período os comunistas conseguiram tomar posse dos corpos gerentes do Sindicato dos Manufactores de Calçado, de Lisboa, a que pertencia Manuel Joaquim de Sousa.

Contra as suas costumadas manobras partidárias, reagiram alguns militantes operários libertários, entre eles M.J. de Sousa, contra o qual iniciaram nova campanha de descrédito,

Trataram-no como se fosse um salteador dos cofres confederais, o que era uma calúnia, mas que eles utilizaram para o desacreditar pùblicamente, e impedir a sua resistência inflexível à infiltração dos politicantes marxistas no movimento sindical.

A discussão assumiu aspecto de tanta intolerância, que os libertários, para evitar graves conflitos, resolveram abandonar esse sindicato e constituir um novo organismo, livre da tutela bolxevista.

Em 1932, M.J. Sousa foi novamente preso, apreendendo-lhe a polícia alguma documentação da C.G.T.

Foi mandado para a fortaleza de Peniche, onde esteve até 193

Não reassumiu depois as funções, que exercera anteriormente no Comité Confederal, mas comtinuou ligado à organização operária atf à sua morte.

Escreveu o livro "O Sindicalismo em Portugal", que foi publicado, em Lisboa, em 1932, pelo Grupo Editorial "Argonauta".

Embora dedicando-se mais à actividade sindical, M.J. de Sousa também colaborou no movimento anarquista.

Tomou parte na Conferência de Alenquer, de 1923; foi componente do Grupo "O Semeador", e membro do Comité Regional da Federação Anarquista da Região do Centro.

rísticos:(Assinalados no artigo acima citado):

rebusca das espigas do centeio abandonadas pelos ceifeiros; Apanha dos gaipos esquecidos pelos vindimadores;apanha da lenha seca,por mulheres e rapazes,e de caruma ou fetos;sociedade entre os lavradores, pondo em comum os bois e as apeirias para a lavoura,com o antigo vessadoiro para a carread as;rogas, ainda hoje usadas,para se fazer a esfolhada do milho;Comunidade,ainda em certas terras,da eira,do moinho, do forno, do berrão e do touro do concelho;pastagem dos gados de todos nos terrenos de pousio,como se fossem baldios ou maninhos;Contratação do guarda das cavadas pelo adjunto e da guardadora dos porcos;existência de águas indivisas,chamadas de torna ou tornas,etc.

"Contra alguns desses costumes tradicionais,cada vez mais apagados - de que nos dá uma síntese eloquente o ditado" Depois do S.Miguel cada um vai por onde quer",reagem por vezes os proprietários pela sua divisa "Burro de todos comem-no os lobos";"

Memórias do camarada Adriano Inácio Botelho,que me foram fornecidas para ajuda da composição do meu livro"História do Anarquismo em Portugal",que planeio escrever,em1970:

Afonso Falcão Bourbon (Bousbon e Menezes)

Foi meu colega,em 1902,no primeiro ano do Liceu de Angra do Heroismo,mas apenas até às férias do Natal.

Veio para Lisboa com a família,matriculando-se no liceu do Carmo.

Só o vi na capital decorridos mais de 40 anos.Apontou-mo o Carlos Silva,uma tarde em que estávamos conversando no Rossio,e que ele passou por nós.

Já grisalho,não conservava nenhum dos traços que dele me tinha ficado na memória.

Ainda nos cruzámos mais algumas vezes nas ruas de Lisboa,mas muito poucas,porque ele em breve faleceu.

Do liceu de Angra transitou para o do Carmo em Lisboa,onde bem cedo começou a manifestar ideias extremistas.

Ali se relacionou com os filhos do Dr.Bernardino Machado,com Gaspar dos Santos e Mário Costa,tendo sido este último,segundo afirmava,quem o fizera interessar-se pelas doutrinas anarquistas.

Ainda esteve durante algum tempo à frente do jornal anarquista de Setubal,"Germinal".

Conviveu com António José de Ávila,e mais tarde confessou-lhe que os exemplos de honestidade,que este lhe dera,ainda lhe tinham servido de freio,em certas ocasiões,nos caminhos enlameados da vida,que tivera de trilhar.

Não completou qualquer curso,e dedicou-se ao jornalismo.

Quando cheguei a Lisboa,já estava a afastar-se do nosso movimento,e como sintoma disso citaram-me nessa ocasião um artigo que escrevera,fazendo a apologia das touradas de praça,e terminando por declarar,que só não concordava com elas os indivíduos "empaturrados de Jean Grave e de meia-desfeita".

Passado algum tempo,arranjou o lugar de administrador de Viana do Castelo,e para provar a sinceridade da sua conversão ao regime democrático, prendeu o Aurélio Quintanilha,numa sessão de propaganda,em que este,de passagem pelo Norte,tomara parte.

Regressou a Lisboa,e continuou no jornalismo,só conseguindo um lugar público -no Arquivo de Identificação - nas vésperas do movimento de 28 de Maio de 1926.

Entre outras atitudes antipáticas,que durante esse tempo assumiu,há o que escreveu por ocasião da morte de Eduardo Metzner.

Este indivíduo dizia-se anarquista individualista, mas era um alcoólico, de físico arruinado, a quem se apontavam muitas fa[illegible]lhas, e até se lhe atribuiam relações com a polícia.

O Ávila, que o conhecia, considerava-o um doente, cheio de vícios hereditários, mas com um certo senso moral, e citava o caso do Homem Cristo o ter querido comprar, para colaborar no jornal monárquico que então dirigia, e ele ter-se recusado, perdendo uma boa situação e continuando a viver miseravelmente.

Mas, perante o seu cadaver, todos os que lhe tinham atirado pedradas, curvaram-se, em atitude de arrependimento, excepto Bourbon e Menezes, que nessa ocasião ainda o atacou.

Durante a Ditadura, portou-se com dignidade, e tentou, em vão, tratar na imprensa das confissões arrancadas ao Dente de Ouro, do 18 de Outubro, pela viuva de Carlos da Maia. Isto ia atingir o Neno, da "Voz" e outros trunfos da Reacção, e a cehsura não permitiu a sua divulgação.

Voltou de novo a marchar para além do sistema republicano, dando a sua adesão ao partido socialista. Ali levantou uma polémica àcerca do desempenho de certos cargos junto de empresas comerciais, por componentes desse partido, e que, segundo ouvi, atingiao Dr. Amilcar Ramada Curto.

Isto deu lugar a divergências entre vários elementos socialistas, e, publicamente, Bourbon e Menezes não exerceu mais actividade nesse movimento.

Dedicou-se, em especial, à literatura, onde marcou posição destacada, sendo uma das suas obras, "Sua Graça é Lisboa", premiada pelo Mumicípio da Capital.

Faleceu com pouco mais de 50 anos, e quis que o seu enterro fosse feito pela "Voz do Operário", o que demonstrou a sua simpatia por esta instituição popular.

(Nos Apontamentos fornecidos pela Botelho, em papelinhos soltos, de vários tamanhos, cores e qualidades, o que não denota, apesar disso, da parte dele, espírito desordenado, pois sempre o tive na conta de creatura metódica e ordenada, e dotada de sentimento de justiça, tolerância e muito escrupuloso nos seus julgamentos, faltam, por vezes folhas, alterando-se a numeração, deixando certas descrições por completar, quer no princípio quer no final, e causando perplexidade, que procuro resolver o melhor possível. Já lho fiz notar essas faltas mas, naturalmente, por falta de insistência minha, não obtive ainda explicação cabal.) Continuam as Memórias, de Adriano Botelho:
De um linguado sem princípio: "....mas eu não consegui levar à prática nenhuma dessas ideias, por não ter persistência para vencer os obstáculos, que surgem sempre no início de qualquer carreira.

E, apesar de acordar aflito, quando sonhava que estava novamente na Ilha Terceira, para lá embarquei voluntàriamente em Dezembro de 1914, mas desta vez com o propósito de me dirigir dali na Primavera seguinte para a América do Norte.

Durante os meses de 1914, que permanecera em Lisboa, assitira porém a importantes acontecimentos, a que adiante me vou referir.

A CONFERENCIA ANARQUISTA, EM LISBOA, EM 1914.

Realizou-se na Caixa Económica Operária, de Lisboa, na Rua da Voz do Operário, no Verão de 1914, parece-me que em Junho.

Um dos seus principais objectivos era a nomeação de delegados ao Congresso Internacional Anarquista, que se pretendia realizar no Verão desse ano em Londres.

Dei-lhe a minha adesão; assisti a todas as sessões, mas não intervim nos seus trabalhos.

Fez-se uma separação na sala com um cordel, para se distinguirem os aderentes dos não aderentes, mas houve quem protestasse contra essa separação.

Na mesa, a orientar os trabalhos, permaneceram sempre António José de Ávila e Emílio Costa.

Tinha visto este último pela primeira vez dias antes, no gabinete dos Jovens Sindicalistas, e não me tinha agradado então, sobretudo por causa da sua expressão de aborrecimento, - nunca esboçando o mínimo sorriso.

Mas ali gostei de ver a maneira simpática como ele cooperou na discussão das questões apresentadas à Conferência.

Dentro da teia, lembro-me de ver Sobral de Campos, Afonso Manaças, António Manaças, Aurélio Quintanilha, Viana, Sebastião Eugénio, Carreira, , Bento, Augusto Carlos Rodrigues, Jerónimo de Sousa, Fernando Gomes, Bernardino dos Santos, Rosendo Viana, Caetano, alguns jovens sindicalistas, um alentejano, com chapéu e jaqueta regionais, muitos outros, cujos nomes não fixei, e que, como a maior parte daqueles, desapareceram do nosso movimento.

Fora da teia, assistiram Severino de Carvalho, Sá Viana e Augusto Machado, que não deram a sua adesão por discordâncias não sei porquê.

O primeiro tinha sido convidado a fazer um estudo histórico sobre o movimento anarquista português, no sul de Portugal. Respondera aos camaradas que o procuraram, que, como o tinham apanhado com boa disposição, se encarregaria da confecção desse trabalho - mas afinal não cumpriu a sua promessa.

Estranhei contudo logo a sua resposta, porque não se tratava de um favor feito a esses camaradas, visto que, se comun-

gava nas mesmas ideias, até sentiria prazer em se desempenhar de tal tarefa.

Foi combinado que Emílio Costa ficaria em contacto com ele para a entrega desse estudo, mas, depois dalgumas respostas evasivas dadas pelo telefone, sentiu-se aquele desconsiderado e desistiu de lhe falar mais no assunto.

Tinham, ele e os outros companheiros, razão para iniciar essa separação, porque eles, na verdade, de anarquistas só tinham o rótulo, como mais tarde o provaram aderindo ao bolchevismo russo.

Também apareceu fora da teia um grupo capitaneado pelo "individualista" Adelino Pinho, a fazer troça do que se fazia e discutia dentro dela.

Um camarada, indignado com a risota deles, repreendeu-os, dizendo que, se não os conhecesse, consideré-los-ia como pertencentes à "formiga branca", polícia dos democráticos, ao que o Pinho retorquiu em tom de mofa: "que se não era formiga branca, era barata amarela".

No decorrer duma das sessões fez ouvir, não chacotas, mas os seus protestos virulentos, o Constantino "Norte", por a Conferência não ter aceite a sua adesão.

A sua cólera era sobretudo contra António José de Ávila.

Este tinha-o inscrito como aderente, mas como não tivesse aceite elementos propostos por outros camaradas, teve também [illegible] que se sujeitar a que lhe regeitassem este.

O "Norte" ficou tão sentido com isto, que até adoeceu de desgosto. Também enfileirou mais tarde no movimento bolchevista, mas era de fraca mentalidade, misturando-se com republicanos e sendo alvo da risota deles e de certos senhores doutores, em cuja órbita girava, tornando-se figura popular.

Havia nesse tempo uma organização feminina, parece-me que se intitulava "União das Mulheres Anarquistas", que aderiu à Conferência, e se fez ali representar por um grupo, à frente do qual estava a sexagenária Margarida Paula.

Apresentou um trabalho por escrito, expondo opiniões do seu organismo.

Não possuia cultura, mas tinha grande facilidade em falar às massas populares. Sempre pronta para as manifestações de rua, apoiou os os movimentos de agitação de Bartolomeu Constantino.

Acompanhavam-na Rosalina Correia da Silva, então vendedeira de Hortaliça, e a "Salga", vendedeira de peixe.

Margarida Paula tinha sido companheira dum operário anarquista chamado Bento, que, já quase inválido, também compareceu na conferência.

Embora em boas relações, viviam separados, de mútuo acordo, para não suportarem mutuamente as rabigices da invalidez.

Quando se procedeu à nomeação do delegado ao Congresso Internacional, Fernando Gomes opinou que fosse escolhida uma mulher, referindo-se a Maria Amélia Sobral de Campos, ou Suzana Quintanilha, que nessa ocasião já se tinham desinteressado do nosso movimento.

Ninguém indicou Margarida Paula, mas ela declarou, que se lá fosse, saberia desempenhar com competência o seu lugar. Já quase no fim da vida aderiu ao comunismo.

Rosalina Correia da Silva, era natural de São Cosme de Gondomar, próximo do Porto, e tinha a decisão e a coragem das mulheres daquela região. Era conhecida no meio libertário pela "Maria da Fonte".

Em manifestações da rua nunca voltava costas ao perigo, e, por ocasião dumas greves foi a primeira a saltar para os carros eléctricos para lhes voltar os "trolys" e fazê-los regressar à estação.

Quando se exaltava perdia a noção de tudo, mas com calma revelava qualidades de carácter pouco vulgares, sempre pronta sempre pronta a sacrificar-se para acudir à desgraça alhei

Aprendeu a ler quase que só por esforço próprio, e já octoge nária é que ganhava o seu sustento ganhando à comissão.

Muito cumpridora da sua palavra, muito direita nas suas contas, a todos infundia respeito a sua maneira de trabalhar.

Mesmo velhinha, ela e a sua casa causavam admiração pelo asseio que mostravam.

A sua paixão pela liberdade e pela justiça não enfraquecera com a idade, e à falta de publicações nossas, lia diàriamente com entusiasmo o jornal "República", sobretudo o que era de crítica embora velada ao regime vigente.

A "Salça", ignoro o seu nome, era uma varina toda desembaraçada, companheira de um revolucionário conhecido pelo "Café", e de quem depois se separou. Nunca mais soube do seu destino.

Acompanhada pelo camarada Viana, assistiu igualmente à Conferência a professora Eugénia Silva, também ligada à organização das Mulheres Anarquistas, então prestando serviço na escola libertária "A Florescente", situada na rua Infante D. Henrique, à qual aquele camarada também pertencia.

Este era metalúrgico, e vivera muitos anos na América do Norte.

Aderiu ao Communismo, mas depressa se desiludiu e voltou ao Anarquismo.

É o único caso deste género que conheço

Outros, mesmo caluniados e irradiados do Partido mantiveram-se sempre fieis a essa ideologia.

A professora Eugénia Silva namorara o actor Mascarenhas, que se dizia anarquista, e que a trouxera para o ensino li-

bertário numa escola (creio que se chamou crêche), que ele fundara com um grupo de camaradas na Calçada da Graça.

Pela corrupção do meio em que aquele trabalhava, desentenderam-se os dois, e ele foi parar ao campo republicano, deixando a profissão e fazendo-se funcionário público.

Ela, depois de acabar a "florescente", foi para a Escola Oficina No.I, onde permaneceu muitos anos. Saíu dali, após uma questão com José Carlos de Sousa, e depois de andar a lecionar por vários centros escolares, as últimas vezes que a vi, pela sua apresentação, parecia viver com grandes dificuldades.

Frequentava as igrejas, e, numa ocasião, encontrando por acaso a Rosalina Correia da Silva, disse-lhe que a considerava uma excepção, porque todos os anarquistas que havia conhecido não passavam duns patifes.

Não tinha razão quando se referia ao José Carlos de Sousa, mas quanto ao Mascarenhas foi realmente um muito mau encontro que ela teve na vida.

Suponho que foi ele quem a dissuadiu de tirar o Curso do Magistério Primário, com o qual ela poderia ter governado fàcilmente a sua vida.

Assistiu igualemnte a algumas sessões a esposa de Emílio Costa. Era belga. Mais tarde separaram-se e ela voltou para o seu país.

Quando se tratou da nomeação do delegado ao Congresso de Londres, alguns delegados indicaram o Emílio Costa, que não aceitou. Acrescentou, porém, que tencionava estar nessa altura no estrangeiro, e que desejaria lá comparecer mas individualmente.

Por alvitre de Afonso Manaças, foi nomeado Sebastião Eugénio, que se esquivou de princípio, mas por insistência da assembleia acabou por dar o seu acordo.

Houve no Porto outra Conferência, que nomeou seu delegado, salvo erro, o Serafim Cardoso Lucena.

Numa das sessões da Conferência subiu à tribuna o velho anarquista Bento, que se referiu a episódios da sua vida, contando que a sua primeira mulher, em solteira, era tão fanática, que deixava de conversar com ele para ir para a igreja.

Contudo, conseguira fazer-lhe compreender que andava iludida, que nada existia de sobrenatural e que os problemas do homem tinham de ser resolvidos por ele próprio na terra, à margem de todas as ideias políticas e religiosas.

A propósito de ter subido nessa ocasião ao estrado um jovem conferencista, / Emílio Costa / aproveitou o momento para fazer umas considerações sobre a mocidade que despontava para a luta, e a velhice que se lhe mantinha fiel, o que comoveu a assistência.

Lágrimas assomaram aos olhos do velho Ávila, que me contou depois, que o camarada Bento, quando mais ~~MMMM~~ novo, costumava parar junto a um dos quiosques do Rossio (não a Bóia) e arranjava sempre pretexto para se meter com os clentes, que tinham aspecto de Intelectuais.

Habilmente, levava a conversa para a discussão das ideias anarquistas, e depois de desfazer com bons argumentos a discordância dos outros, terminava por lhes dar uma palmadinha nos ombros com a informação trocista de que era analfabeto.

O Abreu "carvoeiro", membro da Juventude Sindicalista, tambem subiu ao estrado para atacar os anarquistas, que faziam parte dos corpos gerentes de vários sindicatos, o que na sua opinião era um contrasenso.

A Conferência manifestou-se de acordo com este ponto de vista, mas Rosendo Viana e Jerónomo de Sousa objectaram que eram os anarquistas os verdadeiros sustentáculos do seu sin-

(o dos Manufactores de Calçado), e, que se o abandonassem, esse organismo não se manteria de pé.

O Abreu teria já uns 20 anos, mas baixo e franzino, tinha a aprência de um adolescente. Contudo, o que lhe faltava na figura, sobrava-lhe em atrevimento.

Em seguida, ouvi-o num comício nos terrenos próximos da a actual praça do Chile. Aqui até cerrava os olhos de indignação contra a Associação dos Caixeiros, por qualquer atitude reformista, que os seus corpos directivos haviam assumido. Este puritanismo revolucionário foi, porém, sol de pouca dura.

Não levou muito a abandonar o emprego na carvoaria, e a aparecer como funcionário da Câmra Municipal de Lisboa.

Gabava-se de que lá tinha ido de bomba na mão, exigir uma colocação, e que eles, amedrontados, lhe tinham arranjado emprego imediatamente! Só os muito ingénuos, acreditaram em tal patranha.

Com o emprego, também abandonou as ideias anarquistas, e, foi acabar no Partido Socialista.

Além de colaborar nos jornais do partido, trabalhou na imprensa diária, fornecendo-lhe as notícias mais fantásticas e caluniosas a respeito do nosso movimento.

Publicou, por exemplo, um relato sobre a Conferência anarquista de Alenquer, em 1923, onde, entre muitas falsidades, reproduziu palavras de Emílio Costa, que nem lá apareceu, por já se ter afastado do campo libertário.

Numa ocasião, Santos Arranha correu com ele a ponta pé do sindicato dos Mobiliários, na travessa da Água de Flor, por causa de mentiras por ele forjadas a respeito da organização operária.

Na "República Social" atacou com verrinice Constantino de Figueiredo, Almeida Marques e Sobral de Campos.

Acusou falsamente Eduardo Relvas, como funcionário da "Voz do Operário".

A questão foi discutida em Assembleia Geral deste organismo, onde o acusado compareceu ainda convalescente duma grande doença, e onde se provou, que era tudo mentira o que ele lhe atribuira.

Apareceu, também, a exercer actividade no Sindicato do Pessoal do Município, mas foi posto à margem por um grupo de jovens de tendência libertária, que conseguiu, mesmo já depois do 28 de Maio de 1926, mas antes de 1934, algumas regalias para a classe.

Vi-o uma tarde, na Feira da Ladra, a ameaçar uma pobre vendedeira, que tentava fugir ao pagamento da senha camarária, dizendo-lhe, que lhe levava tudo para a arrecadação, e que ela depois gemeria, para lá o ir buscar!

Foi pena, que esta não lhe respondesse, - mas, deverdade, - com uma bomba na mão, como ele se gabava de ter feito, noutros tempos para arranjar o emprego.

Um incidente desagradável para Neno Vasco, se deu numa das sessões da Conferência.

Tinha apresentado um trabalho conjuntamente com Aurélio Quintanilha, que este se encarregou de defender, porque o Neno não tinha temperamento para falar em público.

O Ávila, porém, entendeu que devia insistir com ele, para que subisse ao estrado e, também, tomasse parte no debate, o que deu lugar a que aquele camarada se retirasse da sala, bastante incomodado, com essa escusada insistência. Era indiscutivelmente um defeito, prejudicial, mas ele possuia em alto grau tão excelentes qualidades, que merecia bem

que lho tomassem em consideração!

Bernardino dos Santos manifestou propósitos de, também ir assistir ao Congresso de Londres.

Ávila disse-me humoristicamente que estava na disposição, -no caso em que ele o fizesse,-de lhe recomendar que não levasse consigo os numerosos berloques, que lhe ornamentavam a corrente do relógio.

Era escriturário numa fábrica de Alcântara e ligado ao grupo de Bartolomeu Constantino.

Este encontrava-se nessa data com Júlia Cruz, em Trás-os-M Montes, onde publicavam o jornal "O Agitador".

Num relato da Conferência enviado para este jornal por Bernardino dos Santos, criticava-se o facto de não se ter criado nela uma organização mais forte, acrescentando-se que isso fora devido ao espírito individualista de grande número dos assistentes.

Esta afirmação deu lugar a protestos dos que estavam, ao contrário dele, integrados nos princípios libertários e federalistas, que devem caracterizar as nossas organizaçõe

Este camarada ingressou mais tarde no movimento bolxevis ta.

Após a implantação da Ditadura, em 1926, foi uma das muita vítimas das perseguições fascistas, tendo sido deportado, sem consideração pelo seu estado de saúde, para a África, e depois para Timor.

Resistiu por lá não se sabe como, e ainda regressou à metrópole, quando terminou a guerra de 1939/1945, já muito velho e alquebrado.

Emílio Costa, que estava então empregado na Sociedade de Propaganda de Portugal, perdeu o emprego, por causa da actividade que desenvolvera nesta Conferência.

Durante a guerra de 1914/1918, tomou posição ao lado dos governos aliados, esquecendo as suas ideias internacionalistas.

Quando a guerra terminou, afastou-se do nosso movimento, e nunca mais se afirmou anarquista.

Sebastião Eugénio era um militante activo da organização sindicalista da classe corticeira.

Ingressou depois no quadro do funcionalismo do Estado -- por ocasião da revolução de Sidónio Pais, creio eu,

Quando isto sucedeu, Augusto Machado referiu-se ao caso na nossa imprensa, comentando-o como se ele tivesse morrido. Mais tarde, encontraram-se os dois no campo bolxevista.

Carreira trabalhava em Alcântara, parece-me que numa fábrica. Combatera na Rotunda, em 1910, e, desiludido com a Repúblic viera para o movimento libertário. Foi morto por um automóve para os lados de S. Paulo, poucos anos depois desta Conferência. A sua companheira Paulina manteve-se ligada ás nossas organizações até à morte.

Jerónimo de Sousa

Acompanhou os republicanos antes de 1910.

Veio depois para o campo sindical, onde marcou posição de destaque entre os militantes libertários.

Homem de acção, distinguiu-se nas greves da sua classe.

Por ocasião duma desta, andava ele a afixar cartazes, e junto de uma oficina reparou, que quando voltava costas, o proprietário vinha à rua e arrancava-os. Substituiu-os alguma vezes mas com o mesmo resultado. Desesperado, besuntou então um deles com bastante grude, e dirigindo-se ao industrial estampou-lho mesmo na cara.

Por causa destas, e por faltar, quando era incumbido de qualquer delegacia, acabou por não encontrar em Lisboa casa

Teria mesmo desaparecido, se não fosse a decisão de alguns libertários, que por iniciativa própria a puseram novamente a funcionar.

Publicaram alguns boletins, nos quais eram tratados vários dos problemas, que mais ibteressavam à classe trabalhadora.

Organizara em 1918 um movimento contra a carestia da vida, que não teve a amplitude prevista, sobretudo devido à assinatura do armistício.

Todavia, nalgumas localidades do Alentejo houve levantamentos de camponeses, com destruição de deviśorias de propriedades, o que ocasionou durante anos grandes complicações, para o restabelecimento das delimitações.

Casa dos Pescadores de Setubal

Foi construída por eles e inaugurada no verão de 1914.

Assisti à sessão, que precedeu a sua abertura, na companhia de Aurélio Quintanilha.

Foram nossos companheiros de viagem, como delegados da União Operária Nacional, o gráfico, e então anarquista, Perfeito de Carvalho, e um socialista, cujo nome não fixei.

O primeiro confessou-nos, que já sentia adormecer as suas energias revolucionárias no ambiente da U.O.N.

A sessão em Setubal decorreu no meio de grande entusiasmo e com imensa concorrência.

Falaram muitos delegados de vários organismos operários.

Quintanilha, também, fez uso da palavra, tendo sido muito aplaudido, porque gozava ali de grande prestígio.

Anteriormente, tinha havido um desentendimento entre a classe piscatória setubalense a respeito da "lota",

e a pedido de alguns militantes ele tratara do caso no jornal "Aurora", do Porto, de tal maneira que a questão fora resolvida a contento geral.

De regresso, passámos pela barbearia Quaresma, na Avenida Todi, ponto de reunião dos anarquistas de Setubal.

Acompanharam-nos à estação um grupo de camaradas, entre os quais uns marítimos, que tinham fundado ali, havia pouco tempo uma cooperativa de pesca.

Mais tarde ouvi comentários contraditórios sobre esta organização, dizendo uns que se mantinha, e outros que se desviara dos seus primitivos objectivos.

Controvérsia entre Quintanilha e João Camoesas

Nesta época, realizou-se, também, um comício nuns terrenos da Avenida Almirante Reis, na qual fez uso da palavra, o democrático e então estudante de medicina, Camoesas, que, em bora defendendo ideias progressivas, criticou e manifestos a sua discordância com o anarquismo.

Refutou-o Aurélio Quintanilha, mas como o assunto não podia ser ali amplamente tratado ou debatido, fora combinada para esse fim uma nova reunião, que se realizou numa sede sindical, em Belém, na rua Paulo da Gama.

A esta compareceram, sobretudo, elementos anarquistas e sindicalistas revolucionários, e, evidentemente, as palavras dr Camoesas caíram no vácuo, porque a assitência apenas aplaudiu a contradita feita por Quintanilha.

Os Acontecimentos da Moita

Após um levantamento popular na Moita, foi preso um grupo de camaradas nossos, residentes naquela localidade.

Para reclamar a sua libertação, realizaram-se várias

sessões de propaganda na Outra Banda,nas quais comparticipou activamente Jerónimo de Sousa,dos manufactores de calçado de Lisboa, - Quintanilha também o acompanhou,pelo menos uma vez.

Esses camaradas foram postos em liberdade no verão de 1914,e,em seguida,realizou-se uma sessão em sua homenagem na sede da Construção Civil,então,nas Escadinhas das Olarias,com a sua presença e a de Jerónimo de Sousa.

Quintanilha,nessa ocasião estava preso em Viana do Castelo,e,entre vários oradores,falou Magalhães,da Juventude Sindicalista,que se referiu a esse caso,pedindo aos camaradas presentes,que também se interessassem pela sua libertação.

Contra o Regresso de Afonso Costa ao Poder

A ameaça do regresso de Afonso Costa ao poder, deu lugar a certa agitação entre as outras correntes políticas.

Assim,os evolucionistas,de António José de Almeida, realizaram uma sessão pública,numa sala do Chiado,para tratar do caso,e em seguida um comício,nuns terrenos no Rio Seco,à Ajuda.

A estas manifestações assistiram muitos elementos libertários, sobretudo da Juventude Sindicalista,que faziam objecções aos discursos dos oradores políticos,e,ao mesmo tempo,lhes pediam armas para resistir aos abusos dos democráticos.

Tudo isto morreu,porque,no entretanto,rebentou a guerra,e estes últimos acabaram por convencer os almeidistas a constituirem com eles a "uião sagrada",a que alguns opositores chamaram,por chacota,"união segregada".

O socialista Martins Santareno, também, entendeu soltar o seu grito de alarme perante a ameaça da volta ao poder de Afonso Costa.

E assim, convidou os militantes operários de todas as tendências a reunirem-se na sua sede, na Travessa da Água de Flor, para apreciarem o acontecimento.

Acudiram, sobretudo, os jovens sindicalistas, que com as suas irreverências, irritaram, por vezes, Martins Santareno, que, em conversa, particular afirmou, que aquilo não era sindicalismo mas sim "garotismo".

Entre vários militantes, que ali fizeram uso da palavra, recordo-me de António Henriques e António José de Ávila. Após a s primeiras reuniões, Bernardino dos Santos escreveu para o jornal anarquista "O Emancipador", que Bartolomeu Constantino publicava então em Trás-os -Montes, (Chaves ou Vidago), que: "Santareno e Pereira, corifeus da social-democracia galopinavam à louca", e que era com esse objectivo que se efectuavam as reuniões na Travessa de Água de Flor.

Santareno, na sessão seguinte mostrou-se muito surpreendido com tal notícia, pois que ainda nem tinha feito uso da palavra, deixando que os outros expandissem livremente as suas opiniões, sem declarar o que pensava sobre o caso.

Acrescentou, que entre outras ideias, desejava alvitrar a publicação dum manifesto dirigido à opinião pública, e acabou por pedir ao autor dessa notícia que, se estava presente, lhe desse explicações a tal respeito.

Bernardino dos Santos não se fez rogado. Saltou com

propaganda subversiva junto dos amigos,ou dos conhecidos.

Nesse tempo,os elementos libertários eram relativamente em número reduzido,e sobre eles era exercido permanente vigilância.

Eu continuei a frequentar o sítio,porque nessa época até quase que sentia vontade de me denunciar,só, para ter o gosto de ir sofrer para a prisão pela minha nobre causa.

Sobre as influências que esta guerra teve no movimento anaquista português,escrevi alguma coisa num trabalho em sep separado.

(Novamente,o Botelho,não sei porque razão, saltou do linguado manuscrito 329 para o 373,que começa por um assunto que não tem começo,mas suponho tratar-se do jornal "A Batalha", segundo se deprende do que segue,)

Do linguado 373:.....uma selecção,segundo oseu critério,e punham de parte, pelo menos metade do original,o que para mim significava pura perda de tempo.

Muitas dessas notícias foram publicadas sob a epígrafe de "O que vai [illegible] lá por fora" e outras dispersas.

Directores e redactores de "A Batalha"

Em 1919,o director de "A Batalha" era o Alexandre Vieira, gráfico,que por motivos de saúde,teve de abandonar o cargo, sucedendo-lhe Manuel Joaquim de Sousa,sapateiro,secretário geral da C.G.T.,foramdepois sucessivamente directores:Pinto Quartim,jornalista/ profissional,que já fora redactor, quando da fundação deste jornal;Silva Campos,sapateiro,;Santos Arranha,marceneiro;Mário Domingues,empregado de escritório e depois jornalista;Mário Castelhano,empregado de escritório demitido da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses,mas ecercendo a sua actividade sindical na organização ferroviária

ria e noutros organismos.

Os redactores permanentes da Batalha foram:Perfeito de Carvalho,gráfico,possuidor de grande cultura e fino espírito de humorista.Era anarquista,mas após uma viagem à Rússia como delegado português da C.G.T.,a um dos Congressos da Internacional Vermelha,voltou de lá convertido ao bolxevismo. Foi mal acolhido pela C.G.T.,voltou para o estrangeiro e acabou por fixar residência em Paris. Consigleri Sá Pereira-gráfico,também era nesse tempo anarquista.Foi depois para o jornalismo burguês;esteve algum tempo empregado em Angola; e em seguida foi nomeado Consul de Portugal em Ayamonte e mais tarde em Las Palmas.Ligado pelo casamento à família Videira e Cunha Leal,creio que politicamente seguiu as ideias desses parentes,porque nunca mais vi nos seus escritos quaisquer vislumbres de convicções libertárias; Cristiano Lima: Anarquista;antes de entrar para a redacção da Batalha suponho que fora empregado de escritório. Após a supressão do órgão da C.G.T.,entrou para o "Diário de Notícias",onde se manteve até velho,conservando sempre uma certa coerência com os princípios libertários.Autor de várias peças representadas com sicesso nos teatros de Lisboa, - uma delas pelo menos no palco do Teatro Nacional; David de Carvalho:Pertenceu à Juventude Sindicalista.Creio que antes de entrar para a redacção da Batalha também era empregado de escritório.Depois do desaparecimento desta não seguiu a carreira de jornalista.Esteve algum tempo empregado na Emissora Nacional,donde foi demitido por questões políticas.Não sei que orientação tomou depois na vida,mas parece-me que abandonou as ideias,que per-

filhara na juventude.; Francisco de Sousa: gráfico, da corrente neutralista de Alexandre Vieira. Sobrecarregado com muito trabalho na redacção teve um exgotamento cerebral, e resolveu abandonar o cargo, concorrendo à Imprensa Nacional, onde foi admitido; Alfredo Marques: Marceneiro. Uma grave doença tornou-lhe dificil o exrecício da profissão, e estreou-se como jornalista em "A Batalha". Quando esta acabou, passou para outros jornais, e dizem os mestres, que era profissional competente. Enquanto andou ligado ao movimento operário, manifestou ideias anarquistas, mas não sei se manteve essas convicções. Augusto Machado: Pintor da Construção Civil, deixou a profissão também por doença. Depois de ter sido empregado de escritório, ingressou no corpo redactorial da Batalha, mas lá não permaneceu.....(377)

(De novo, é interrompida a lista de papeis manuscritos do Botelho: passam para o número XIX 394, tendo sido interrompido em 377.)

Segue pois na folha 394:

Movimento Anarquista

Por alturas de 1921/22, realizou-se na Travessa da Água de Flor, sede dos Operários Mobiliários, uma grande reunião de elementos libertários de Lisboa.

Recordo-me de lá ter visto António José de Ávila, Sá Vian na (Sá Charutos), Cristiano Lima, Eduardo Frias, Manuel Afonso, Francisco Costa, Silva Campos, Aleixo de Oliveira, David de Carvalho, Manuel Joaquim de Sousa, Eduardo Relvas, Alfredo Cruz, Júlia Cruz, etc, etc. Suponho, que a reunião teria sido da iniciativa do desenhador Francisco Costa, porque, Silva Campos, não vendo ninguém a coordenar os trabalhos, sugeriu que qualquer dos presentes se encarregasse dessa tarefa, e foi aquele que se dirigiu prontamente para a mesa, afim de

a desempenhar.

Discutiu-se a questão da organização anarquista, e depois de vários oradores, entre eles Eduardo Frias, se terem ma manifestado a tal respeito, foi nomeada uma comissão para apresentar noutra reunião um trabalho sobre o assunto.

Eram componentes desta comissão ~~XXX~~ António José de Ávila bernardo de Sá, Cristiano Lima e não sei se mais alguém.

Assisti numa ocasião a um encontro entre três camaradas na redacção da Batalha, e observei que havia desentendimento entre Sá Viana e os outros dois.

Este, possivelmente, já influenciado pela Internacional Comunista, e talvez, por esse motivo a referida comissão deixou de reunir, e não ouvi falar mais nela, nem nos seus trabalhos.

A Conferência de Alenquer em Março de 1923

Ignoro quem foram os seus promotores. Apenas tenho conhecimento que participaram nos seus preparativos Francisco Costa e Francisco Quintal. Este camarada procurou elementos antigos, para que nela tomassem parte, ficando até descontente com o acolhimento que lhe deu Adolfo Lima.

Era este professor pouco expansivo; nessa altura da vida já teria tido certamente muitas desilusões, e, talvez, por isso, recebeu aquele com certa frieza, não dando a sua adesão à conferência.

Todavia, exceptuando Neno Vasco e José Carlos de Sousa, empregados em escritórios comerciais, entre os intelectuais portugueses, (jornalistas e professores), considero Adolfo Lima o mais integrado nas nossas doutrinas e o mais coerente com as mesmas.

A conferência realizou-se, num domingo, em Alenquer, onde

onde então estava estabelecido com mercearia e padaria, Jorge Campelo, que pôs à disposição dos camaradas a casa do forno, que nesse dia não funcionava. António José de Ávila passava muitas temporadas em casa daquele camarada, e foi por intermédio dele que se arranjou esse local.

Lá compareceram, vindos do Porto, Clemente Vieira dos Santos, Inácio dos Santos Viseu, Brito e Manuel Joaquim de Sousa, que nessa época tinha regressado do Porto, mas que ali pouco permaneceu.

De Coimbra vieram Vieira Alves e Arnaldo Simões Januário. Foi a primeira vez que vi estes camaradas, e o último logo me agradou pela simpatia que de si irradiava.

De Lisboa foram Hilário Marques, Cristiano Lima, Mário Domingues, Francisco Costa, Virgílio de Sousa, Barreira, Francisco Quintal, António Altavila, José Carlos de Sousa, Augusto Carlos Rodeigues, Luna de Carvalho, etc.

Fernando de Almeida Marques também esteve presente, mas, segundo ouvi dizer, ia como delegado-observador da Juventude Sindicalista.

Eu fui com todos os meus porque o Campelo e o Neno tinham-se conhecido no Brasil, e havia íntima amizade entre as nossas famílias.

O assunto principal da Conferência foi o da organização e foi nela resolvido criar-se a União Anarquista Portuguesa.

Para o seu Comité relacionador foi nomeado entre outros, o gráfico Joaquim Gonçalves, que escrevera anteriormente um artigo em "A Comuna", do Porto, contra os bolxevistas, e por isso estes sabendo da sua nomeação começaram logo a atacá-lo, chamando-lhe sobretudo batoteiro. Não chegou ele a tomar posse, mas ignoro es esta campanha de descrédito contribuiu

para isso.

Desse Comitê fizeram parte em diferentes épocas: Francisco Quintal, Fernando de Almeida Marques, José Pires de Matos, Manuel Peres, José Carlos de Sousa, Arnaldo Simões Januário, etc., mas foram os dois primeiros que mais tempo se mantiveram em actividade.

Mas,, além da questão da organização, também se debateram outros assuntos na Conferência de Alenquer.

Manuel Joaquim de Sousa apresentou o alvitre de que os anarquistas escriturários deviam revelar as bandalheiras das empresas em que estivessem empregados, a respeito de fraudes e lucros, a fim de se provar a exploração que exerciam sobre o pessoal. António Altavila insurgiu-se contra tal ideia, porque isso era instigar os indivíduos à delacção, a abusarem da confiança que neles depositassem. Realmenet a questão era um tanto dificil de ser tratada, porque, se alguns empregados fizessem com toda a franqueza essas revelações, seriam logo despedidos, e não encontrariam mais ninguém que os quisesse admitir. Se, pelo contrário, recorressem à astúcia e dássimulação, teriam que usar processos, que não se coadunam com a nobreza e lealdade dos que sentem sinceramente a doutrina anarquista.

Manuel Joaquim de Sousa, em resposta chamou ao Altavila anarquista bizantino, mas Cristiano Lima pôs termo à contorvérsia protestando veementemente contra a inclusão dum assunto de caracter sindical numa conferência de matureza ideológica.

Vieira Alves também abordou o caso dum elemento de Coimbra, que não procedia de acordo com a nossa moral,

mas os presentes concordaram que isso devia ser tratado por eles localmente.

No final, Virgílio de Sousa manifestou o seu desagrado por não ter sido devidamente apreciada a sua tese sobre naturismo.

Mário Domungues observou-lhe que a falta de tempo a isso obrigava, mas que, como prova de confiança, para com os seus autores, a Conferência aceitava-a, mesmo sem lhe fazer uma análise profunda.

Foi Mário Domingues quem orientou, mais ou menos, todos os trabalhos desta reunião, e fê-lo duma maneira simpática e tolerante.

O Abreu Carvoeiro fez depois da mesma uma reportagem da sua invenção, na imprensa diária, em que dizia entre outras falsidades, que tinha havido ali séria polémica com Emílio Costa, o qual nem a essa conferência assistira, porque já estava afastado do movimento libertário.

Nada estorvou a nossa reunião, mas passados alguns dias a autoridade local mandou chamar Jorge Campelo, pedindo-lhe informações sobre o que se passara.

Por acaso, um operário de Alenquer, que vivera em Lisboa, conheceu alguns dos camaradas que ali foram, e falou nisso, sem más intenções, a outras pessoas, que por sua vez foram divulgando o acontecimento, até chegar ao conhecimento das entidades oficiais.

Contudo, satisfizeram-se com a explicações dadas pelo Campelo, não prosseguindo com as investigações, e não incomodando portanto mais ninguém.

Organização dum Grupo Anarquista

António Altavila, com entusiasmo do momento, tomou em seguida a iniciativa de organizar um grupo constituido por ele, José Carlos de Sousa, Augusto Carlos Rodrigues, E Luna de Carvalho e António José de Ávila.

Este último lembrou-lhe que também me devia convidar tanto mais que éramos vizinhos.

Assim o fez imediatamente, e eu aceitei de muito bom grado o seu convite, pelas boas referências que dele sempre me tinha dado o próprio Ávila, que, aliás, costumava ser bastante severo nas suas apreciações.

As primeiras reuniões firam efectuadas em casa do Altavila, do José Carlos de Sousa, na minha e na de Luna de Carvalho.

Este camarada, porém, saíu depressa do nosso grupo, porque a respeito do problema da terra não aceitava a fórmula comunista, e tinha elaborado um documento que apresentara na Conferência de Alenquer, no qual preconisava uma solução muito confusa desse problema, baseada na lei da "oferta e da procura", e numas teorias do individualista francês Mauricius.

Perdemos ainda algumas noites a discutir estes pontos de vista, e como não havia maneira de chegarmos a um acordo, o Altavila disse-lhe abertamente que o melhor era separarmo-nos, visto que, para a obra do Grupo poder ser profícua, era necessário haver homogeneidade de opiniões sobre a doutrina comunista-anarquista.

Luna de Carvalho numa das nossas reuniões, ao ler um artigo dum jornal anarquista francês sobre a situação da Rússia, declarara nessa ocasião que teria medo de viver naquele país, em virtude das perseguições atrozes da Tcheka.

Contudo, passados alguns meses, li que o partido comunista, não sei por que motivos, o tinha irradiado do seu seio.

Soube assim que em pouco tempo tinha perdido esse tal medo, a ponto de ter dado a sua adesão àquele partido, solidário com os crimes da Tcheka.

Quando fomos uma vez a sua casa, mostrou-nos três fôlhinhos de tenra idade, dizendo-nos que, como os anarquistas eram muito poucos, ele procurava aumentar o seu número.

Com isto, mostrava estar convencido que eles só pensariam pela cabeça do pai, e calcule-se, que, se tal sucedesse, quantas súbitas reviravoltas teriam que dar na vida.

Nunca mais soube deste camarada, ignorando, portanto, em que campo se fixou, ou por onde andou a saltitar.

Era funcionário do Ministério da Guerra, e também praticava o jornalismo.

O Altavila tinha um feitio chocarreiro, e as nossas primeiras reuniões passaram-se divertidas a escolher o nome do Grupo e a sua adesão à União Anarquista Portuguesa.

Entendia ele, que devíamos dar essa adesão por escrito

não declinando a nossa identidade. E,quanto ao nome,alvitrou que se intitulasse Grupo "Norte".,para com ele se lançar uma certa confusão,não sabendo os outros se isso significava,que estava organizado para o norte da cidade,ou então se pretendia ser a bússola orientadora do movimento libertário.

O José Carlos de Sousa,que sempre muito se preocupou com a propaganda do nosso ideal,pôs de paret essa questão do nome e da adesão, e,passando a trabalhos práticos apresentou uma série de problemas para serem discutidos depois na nossa imprensa as conclusões a que chegássemos.

Ainda começámos todos a analisá-los, mas no entretanto o Ávila adoeceu,recolheu ao Hospital de S.José e de lá já não saíu vivo.

Para se lhe prestar a devida solidariedade,constituiu-se uma comissão da qual faziam parte,José Carlos de Sousa e Antônio Altavila. O dinheiro recolhido destinava-se a pagar as despesas com a alimentação do doente,e a gratificar também o pessoal de enfermagem.

Passadas algumas semanas o Altavila deixou de aparecer nas reuniões do nosso Grupo,queixando-se ao mesmo tempo, a mim e ao Augusto Carlos Rodrigues,que o José Carlos de Sousa pretendera controlar as entregas por ele feitas no Hospital,enquanto dispensava para si tal controle.

Mostrava-se muito melindrado, e por isso resolvera afastar-se.

O José Carlos,ignorando tudo isto,mostrava-se igualmenet melindrado com a sua ausência,e eu sem ainda os conhecer bem,não sabia que atitude devia tomar.

Um dia,porém, o Augusto Carlos Rodrigues,depois de ouvir as costumadas queixas do Altavila,retorquiu-lhe,que

na sua opinião havia um mal entendido entre os dois, e que o melhor seria ele esclarecer o assunto directamente com o José Carlos.

Achei essa sugestão muito razoável, e foi por isso que, com frande surpresa, ouvi o Altavila recusar-se terminantemente a fazê-lo.

Quando me encontrei com o Ávila, no Hospital, confessei-lhe a minha estranheza perante tal atitude, e ele então respondeu-me que o Altavila toda a sua vida tinha sempre apresentado pretextos para se retirar da actividade no nosso movimento.

Esta resposta ainda maior admiração me causou, dado que o Ávila manifestava por ele grande consideração, enquanto se mostrava às vezes cáustico e irreverente com outros camaradas, que se mantinham indefectivelmente em actividade.

O Altavila era destas pessoas, que, quando encontravam qualquer pretexto para atacar outrem, fazia-no inesperadamente, e talvez por isso se impunha ao espírito do Ávila.

Por exemplo, quando este foi internado, o médico atribuíu paret do mal à sua alimentação deficiente, e por ca causa disso o Altavila, na presença da minha mulher, censurou-o com aspereza, por não ir habitualmenet comer a sua casa, perguntando-lhe encolerizado se alguma vez tinha notado má vomtade em recebê-lo, da parte dele ou da sua família.

O Ávila respondia-lhe, mansamente, que nunca tal tinha sucedido, não parecendo um adulto mas uma criança a desculpar-se diante do pai cheio de ira.

Depois da resposta dada pelo Altavila à proposta de Augusto Carlos Rodrigues, e da informação prestada pelo Ávila, pus-me incondicionalmente ao lado de José Carlos de Sousa, com quem e com o Carlos Rodrigues constituímos então um novo grupo denominado "Semeador".

O Grupo "O Semeador"

Depois da morte do Ávila e do afastamento do Luha de Carvalho e do Altavila, ficou o nosso grupo reduzido a Jos Carolos de Sousa, Augusto Carlos de Sousa e a mim.

Resolvemos, então, adoptar o nome de "Semeador", e prossegu guimos com os trabalhos de propaganda, iniciados anterior mente por proposta de José Carlos de Sousa.

Esses trabalhos foram publicados no semanário anarquista do Porto "A Comuna", e pela sua extensão levantou reparos de alguns camaradas, que acharam estar-se a roubar demasiado espaço ao jornal, quando tudo isso poderia ser editado em folhetos.

Um dos que me exprimiram essa opinião foi o jovem Costa Vaz, hoje funcionário superior aduaneiro, e então frequentador assíduo da redacção de "A Batalha" e da sede da U.A.P., na Travessa da Água da Flor.

Ouvi-lhe estas palavras como quem recebia uma admoestação por uma falta cometida, mas se não tivesse sido assim, nunca esses trabalhos teriam aparecido, porque nós não tínhamos possibilidade de os editar, e, também, nenhum dos críticos tomou a iniciativa de o fazer.

Hoje, ao recordar esses factos, sinto antipatia por esses indivíduos, que nada fizeram, e que ainda contribuiam com as suas observações, para desanimar e desgostar

os que tentavam fazer alguma coisa.

Além dessa tarefa,o José Carlos de Sousa elaborou,ao mesmo tempo,um estudo sobre o regime de propriedade,- talvez o que de mais completo se fez entre nós - e de que ele se aproveitou para realizar algumas conferências.

Três foram efectuadas na Associação dos Empregados de Escritório e uma na Secção da Construção Civil, em Palma d de Baixo.

O desenhador Francisco Costa,que nessa época se encontrava muitas vezes no café,com o José Carlos de Sousa, e que pertencia a um grupo anarquista esperantista,propôs-lhe que se reunissem periodicamente os membros desse Grupo com os do "Semeador" para troca de ideias.

Essa proposta foi aceite e algumas reuniões foramrealizadas com esse objectivo.

Os componentes do grupo esperantista eram,que [illegible] me lembre,além de Francisco Costa,o enfermeiro Barreira e o empregado menor do Estado,Ramalho.

Nessa ocasião,assistimos,na Associação dos Empregados de Escritório,ao debate motivado pelo referendum a que a C;G.T.,por servilismo para com os bolxevistas, submeteu a sua adesão à Internacional de Berlim.

Nesse debate distinguiu-se com a sua acertada argumentação o jovem-sindicalista Virgílio de Sousa,e por esse motivo resolvemos convidá-lo também, a assistir às nossas reuniões com os esperantistas.

Não me recordo já por que razão estas terminaram,mas então Virgílio de Sousa manifestou desejo de passar a fazer parte do "Semeador".

Acedemos a esse desejo, e, como o José Carlos tinha nessa ocasião um quarto para alugar, foi ele lá instalar-se, passando a viver na intimidade daquele bom camarada.

Outros elementos vieram depois juntar-se ao nosso grupo, como Manuel Joaquim de Sousa, que terminara o seu mandato de secretário geral da C.G.T., e que queria dar mais actividade à propaganda anarquista.

Não realizou porém essa pretensão porque foi novamente absorvido pelo "polvo" sindicalista.

Em seguida, ingressou no nosso grupo Alfredo Marques ex-militante dos Mobiliários, e então redactor da "Batalha"; e finalmente, por recomendação de Virgílio de Sousa, seu compadre, o prestigioso militante da C.N.T., nessa época refugiado em Portugal.

Nova Conferência Anarquista em Lisboa - 1924

Criação da Federação Anarquista da Região do Centro.

Em 1924, realizou-se em Lisboa uma Conferência Anarquista, à qual o nosso grupo deu a sua adesão. Apresentámos um trabalho da minha autoria sobre sindicalismo, que foi aceite pelos congressistas.

Apenas lhe fizeram uns reparos, mas sem hostilidade, os camaradas Mário Castelhano e Manuel Henriques rijo, que vi pela primeira vez, e a quem só mais tarde me liguei intimamente.

Nessa Conferência foi criada a federação Anarquista do Centro, para cujo Comité Relacionador.....

(Novamente, o Botelho volta a saltar

os números dos seus linguados, passando desta vez de 474 para 480. Está-se a ver que a notícia que vinha dando sobre a constituição da Federação da Região do Centro ficou, pode-se dizer, no princípio. Paciência.... segue, pois, o linguado 480)

Um Questionário à Federação dos Trabalhadores Rurais.

Por proposta minha o Grupo "Semeador" enviou um Questionário aos trabalhadores Rurais sobre os problemas da Revolução.

Este Questionário foi publicado em "AComuna", e enviado por nós a todos os sindicatos pertencentes à Federação Rural, aderente à C.G.T.

Obtivemos algumas respostas, mas, segundo informação verbal de Joaquim Candieira, elemento dessa classe, muito considerado entre ela, outros deixaram de se manifestar, talvez, por os seus militantes não conhecerem a idoneidade dos elementos que haviam elaborado o Questionário.

Informou-nos nessa ocasião o camarada Candieira, que um trabalho, que agradara muito à classe rural, tinha sido um da autoria do anarquista de Beja, Gonçalves Correia, intitulado, salvo erro, a "Felicidade de todos os Seres na Sociedade Futura".

Um conflito com um Grupo Esperantista

O Grupo esperantista de que fazia parte Francisco Costa estava desligado da U.A.P., por incontabilidades pessoais e então Virgílio de Sousa disse àquele elemento desse grupo que poderia dar a sua adesão à Federação Anarquista do Centro. Mas ele respondeu-lhe que isso era impossível, enquanto lá estivesse um grupo fascista. Referiu-se ao grupo constituído por Fernando Rodrigues Brígido, Arnaldo Rodrigues e outros camaradas, a quem acusava de terem em-

pastelado um jornal esperantista feito com material tipográfico pertencente a todos, e sobre cuja posse se tinham desentendido.

Virgílio retorquiu-lhe que essa acusação era muito grave, e perguntou-lhe se estava de acordo em que se convocasse uma reunião de todos esses elementos, com a presença dele, para se discutir o caso.

Acedeu, prontamente, mas sem dúvida convencido que o Virgílio não daria andamento ao assunto.

Este, porém, não o descurou, e o Costa foi adiando sob vários pretextos essa reunião.

Nesse tempo, ele costumava encontrar-se no café com o José Carlos de Sousa, e um dia disparou-lhe à queima roupa, que era ele o responsável por essa insistência do Virgílio de Sousa.

O José Carlos, embora tivesse conhecimento desta questão, nunca nele tinha intervindo, e ficou indignadíssimo com tal acusação, exaltando-se, como nunca lhe tinha sucedido, a não ser uma vez que fora desconsiderado por um seu patrão.

Nunca mais lhe falou, e o Virgílio continuou com os seus propósitos de efectuar essa temida reunião.

Calculo que o Costa, quando disse aquilo ao José Carlos, pretendia que este pedisse ao Virgílio, que pusesse tal ideia de parte, porque, se o fizesse, era provável que fosse atendido.

As consequências foram porém diferentes, e o encontro teve realmente de se realizar.

Foi na Travessa da Água de Flor, no gabinete onde estava instalado o Comité da U.A.P.

Compareceram vários elementos, entre eles o Francisco

Costa, Barreira, Fernando Brígido, Arnaldo Rodrigues, Virgílio de Sousa, eu e José Carlos de Sousa. Este camarada queria retirar-se, depois de ter dado algumas explicações sobre a sua atitude nesta questão, mas os presentes não lho consentiram..

Francisco Costa, custodiado por Barreira, também, depois de dar umas pequenas explicações pretendia retirar-se, mas sobretudo o Fernando Brígido embargou-lhe o passo, dizendo que uma calúnia dessa naturezanão podia ficar assim arrumada. Após troca de palavras exaltadas, e de Virgílio de Sousa ter feito gestos ameaçadores, assentou-se em que devia ser redigida uma acta dessa reunião, assinada por todos os presentes, e na qual ficasse exarado que Francisco Costa caluniara o grupo em questão.

Assimse fez, e todos assinaram, incluindo o caluniador.

Foi a primeira e última vez, que vi um indivíduo assinar a sua própria exauturação.

No final desta reunião, Almeida Marques, que assistira, por estar a trabalhar nesse gabinete em assuntos da U.A.P., pediu a palavra para fazer um ataque cerrado a Francisco Costa, confirmando que na verdade não passava dum maldizente e dum intriguista.

Contudo, este indivíduo, não se desconcertou por causa deste incidente.

Passado algum tempo,, Francisco Quintal, um tanto à margem desse conflito, tomou a iniciativa duma reunião magna dos anarquistas de Lisboa, e, Também, para ela convidou o Francisco Costa. Ele lá apareceu, mas, depois de dar umas explicações ao Quintal, foi-se.

O José Carlos, quando o viu declarou logo que se retiraria se ele ficasse.

Continuou,porém, a manter relações com alguns elementos libertários,e mais tarde,referindo-se a Virgílio de Sousa e outros que tais, gabou-se que tinha conhecido a tempo todos esses indivíduos,mas que não tinham ligado importância aos seus avisos.

Na verdade,ele tinha sido sempre um grande crítico, mas,como,a sua língua nã poupava ninguém,está claro que acertou na maior parte dos casos,visto que é infelizmente ó ínfimo o número de pessoas honestas.

O Marques da Costa colaborou numa revista técnica, de que o Costa era proprietário,e ouvi-lhe afirmar que só observara nele actod de dignidade e nobreza.

Eu,porém,já não posso dizer a mesma coisa,apesar da minha animadversão contra a maledicência.

Virgílio de Sousa renegou as ideias anarquistas, mas não restituíu a documentação que possuía da Federação Anarquista do Centro,na qual estva incluída a acta de degradação de Francisco Costa.

Uma conferência anarquista realizada em Lisboa,ainda nomeou uma comissão,de que fazia parte José Agostinho das Neves,para o procurar e pedir-lhe que entregasse essa documentação.

Chegaram a falar-lhe, mas nada lhes respondeu de concreto, e continuou a guardar tudo isso abusivamente,ou então deitou-lhe fogo.

O Isolamento do Grupo "O Semeador"

O José Carlos de Sousa era uma pessoa de sentimentos muito delicados,e evitava ligar-se com qualquer indivíduo,para não sofrer desilusões.

Nos primeiros tempos da constituição do nosso grupo,e quando dele ainda fazia parte o Altavila,recebemos várias

vezes convites para reuniões na T.da Água de Flor,a que fomos assistir.

Sucedia,porém,que era raro aparecerem as mesmas caras nessas reuniões significando isto que se tratava de elementos pouco interessados nas nossas questões,e consequentemente que não havia selecção nos convites que se faziam.

Calculando que não havia o cuidado de apenas reunir camaradas de absoluta confiança, os elementos mais velhos do grupo:José Carlos de Sousa,António Altavila e Augusto Carlos Rodrigues,começaram a mostrar pouca vontade de acudir a esses chamamentos,com o que aliás eu,mais novo e ainda cheio de ilusões,não estava de acordo.

(Novo salto do linguado 494 para o 498, abrindo outra vez uma solução de continuidade: passemos pois ao 498, sem período inicial)

Linguado 498:

....." alguns componentes do "Semeador",analisando e condenando muitas das atitudes que ali observara.

I925/I926 - Conferência Anarquista em Lisboa

Em fins de I925 ou princípios de I926,realizou-se em Lisboa uma Conferência anarquista,a que me refiro noutra parte,promovida por Santos Arranha e Virgílio de Sousa, e para a qual eu fiz um trabalho em nome do nosso grupo.

Na véspera da sessão inaugural,José Carlos de Sousa e Augusto Carlos Rodrigues encontraram-se com o Pinto Quartim e António Altavila,creio que por causa do "In Memoriam" do Ávila.

Deviam-nos ter censurado por irmos a essa conferência, porque no dia seguinte,quando nos encontrámos - eu,o Virgílio o José Carlos e o Rodrigues - para nos dirigirmos ao Sindicato dos Chauffeurs,no Palácio Almada,no Largo de S.Do-

mingos,onde se realizou a primeira sessão,os dois últimos declararamque na sua opinião o grupo não devia lá comparecer,desligando-se do compromisso tomado.

O Virgílio ficou surpreendido e ao mesmo tempo indignado,e protestando contra tal decisão,alegou ao mesmo tempo que eu elaborara um trabalho para ser ali discutido,e que não estva certo que lá não comparecesse.

Concordei,e,embora contrariado,declarei-lhes, que iria mesmo sem a companhia deles. Era o princípio da desagregação do grupo "O Semeador".

De facto,pus-me a caminho do Largo de S.Domingos,com o Virgílio de Sousa,mas pouco tempo após a nossa chegada à sala .....(termina aqui abruptamente o linguado 500,e logo dá um salto grande para o 509,onde trata ainda do grupo "Semeador", mas cortando a descrição do que sepassarano Largo de S.Domingos,após a recusa de J.Carlos e C.Rodrigues lá irem.Continuemos pois no 509:)

509.....Todavia continuei a encontrar-me com eles embora desligado de "O.Semeador".

O Augusto Carlos Rodrigues, apaixonado pelos problemas de ensino,depois de ter acompanhado como ouvinte a obra educativa da Universidade Popular Portuguesa,foi convidado para nela colaborar pelo Dr.Ferreira de Macedo.

Aceitou, e ali desenvolveu intensíssima actividade, que lhe exgotou bastante as forças,sobretudo em serviços de secretaria.

Procurou,também,interessar-nos nessa obra,e eu ainda lá tive um cargo,mas não quis deixar-me absorver em tal actividade, - aliás,mais própria para os intelectuais liberais e progressivos, afastados do movimento revolucionário.

O José Carlos, ao princípio, também estava muito disposto a dar-lhe a sua colaboração, tendo ali reparado que o Rodrigues descurava um tanto a contabilidade do nosso grupo, de que estva encarregado, para se dedicar mais à U.P.P.

Contudo, por atenção para com este camarada, acabou por o auxiliar, sobretudo como correspondente, mas sem nunca abandonar a ideia da propaganda anarquista.

E assim elaborou um plano de conferências, onde abordava as teorias científicas da época sobre o aparecimento do sistema solar; espraiou-se sobre o conflito entre a Ciência e a Igreja, e desejava terminar com um estudo sociológico, fazendo a apologia do Anarquismo.

Ainda realizou as primeiras conferências, - e não sei como não intervieram as autoridades, - quando tratou da questão religiosa, pois já estávamos em ditadura, e e ele tratou do assunto com grande desassombro.

Mas, apesar dos seus propósitos isolacionistas, o José Carlos ainda comparticipou na Conferência anarquista de 1926, e em seguida fez parte do Comité da U.A.P. com Constantino de Figueiredo, Arnaldo Simões Januário, Francisco Quintal e Fernando de Almeida Marques.

As suas arreigadas convicções impediam-no de seguir à risca esses seus propósitos.

O Virgílio de Sousa viveu algum tempo num quarto alugado em casa de José Carlos de Sousa.

Aproveitou-se dessa confiança de J. Carlos, para namorar uma filha deste, com uns 15 anos apenas, e depois de despertar nela um amor apaixonado, foi-se embora e esqueceu-a.

Teve ela tamanho desgosto, que pouco tempo depois

adoeceu, e esteve às portas da morte.

Ele mostrou-se sempre indiferente perante tudo isto,- e, mais tarde, falando com o Januário afirmou-lhe que o José Carlos quando fora chamado ao Governo Civil, assinara lá um documento, afirmando que de futuro não exerceria qualquer actividadede caracter subversivo.

Mentira, porque o José Carlos até ficou bastante preocupado co o caso, julgando que nunca mais o deixariam de o perseguir.

Não o fizeram, certamente, atendendo à sua idade, e por haver outros elementos, a que prestavam maior atenção.

Mas a prova de que ele não assinara quaisquer compromissos, são as conferências, que depois realizou na Universidade Popular.

Virgílio de Sousa também se afastou de mim, e nunca mais se interessou pelo Comité da Federação Anarquista do Centro, de que ambos fazíamos parte.

Uma conferência anarquista, realizada naquele tempo em Lisboa nomeou uma comissão, de que, entre outros, fazia parte José Agostinho das Neves, para o procurar, afim de que entregasse a documentação referente àquele organismo.

Respondeu com evasivas, aludindo ao meu nome, e nunca nada entregou,- nem a mim nem à organização anarquista.

Nessa época seguia eu um dia pela rua Ivens, e vinha ele em sentido contrário. Retrocedeu - certamente quando me avistou - metendo-se numa escada. Depois disso nunca mais o avistei.

Sei, que abandonou a vida de escriturário, e tirou o curso de enfermeiro.

Correram boatos de desconfiança a seu respeito, mas creio que não se confirmaram.

Ingressou no pattido comunista, e no tempo da Guerra de Espanha, foi nomeado por este partido para servir de ligação com a organização confederal.

Foi o Emídio Santana quem foi encarregado de se encontrar com ele, mas eu nunca teria aceitado tal missão.

Pouco tempo depois foi ele preso e deportado para o Tarrafal. Ali, embora aceitando remuneração dos que lha podiam dar, prestou sempre assistência profissional a todos os camaradas, independentemente das suas ideias.

José Carlos de Sousa

Nasceu em Lisboa e morreu nesta cidade em Abril de 1935, com 69 anos de idade.

Tinha parentes em Setubal, e supomho que a família era dali oriunda. Seu pai dedicava-se ao ensino livre. Era muito severo, e nunca o deixou em rapaz acompanhar colegas.

Medida boa, por um lado, porque evita convívios desmoralizadores, mas, péssima, por outro, porque não permite contrair amizades na infância, que muitas vezes servem de amparo e conforto pela vida fora.

Frequentou o Instituto Comercial, só não possuindo uma cadeira do curso completo daquele estabelecimento de ensino. Tencionava ir para a Administração Naval, mas desistiu embora ainda não o fizesse por razões ideológicas.

Dedicou-se à vida de contabilista de que tinha conhecimentos.

Teve boas colocações, mas pelo seu caracter independente atravessou alguns períodos cheios de dificuldades.

Foi num dos escritórios, onde esteve empregado, que conheceu António Altavila, que o pôs em ligação com António José de Ávila e outros anarquistas.

67

Saíu, porém, desse escritório, mal impressionado com o Altavila, e, apesar das explicações dadas, por este, nunca mais houve entendimento entre os dois.

O Ateneu Comercial foi fundado, quando ele ainda era jovem Deu-lhe a sua colaboração, e foi ali, que se estreou como orador, fazendo umas conferências sobre os direitos da Mulher que mais tarde foi publicada no suplemento de "A Batalha".

Dedicou-se também à Questão Religiosa, e entre outros trabalhos sustentou uma longa polémica no jornal anarquista "Aurora", com uma folha católica que se publicava em Torres Novas.

Casou com uma prima, bastante culta, mas que morreu cedo, deixando-lhe um filho de tenra idade. Tinham tido mais, mas só este vigorara, e, com grandes dificuldades.

O pai à força de cuidados conseguíu rebustecer-lhe o físico, mas com o moral é que nada fez.

Quando enviuvou, teve tal desgosto que abandonou a casa, e na ocasião pensou que jamais casaria. Mas a vida impôs-se e voltou a contrair matrimónio com uma rapariga dos lados de Torres Vedras. Suponho que ela tinha vindo trabalhar para Lisboa de costureira. Não tinha a cultura da primeira esposa, mas era boa dona de casa, e julgava ele que lhe era muito dedicada.

E assim viveu iludido até à velhice, pois que se tratava duma das creaturas mais perversas que tenho conhecido.

O enteado cedo saíu de casa, e estou convencido, que para isso bastante teria ela contribuído.

O rapaz, apesar de possuir conhecimentos, que lhe permitiriam empregar-se num escritório, entregou-se à vida airada, chegando numa ocasião a aparecer ao pai de pé descalço e esfarrapado.

O José Carlos, para que ele não fizesse o serviço militar, não registara, mas ele fê-lo mais tarde, e assentou praça como voluntário seguindo precisamente a carreira das armas.

Não deu curso a nenhum dos filhos. Por um lado, como nunca se aproveitara dos seus diplomas, para arranjar qualquer emprego oficial, e por outro, como discordava dos programas adptados nas escolas do Estado, entendeu, que não devia nelas matricular os filhos.

Isto acarretou-lhe mais tarde, algumas dificuldades, vendo-se, por exemplo, a filha obrigada a fazer, já senhora, exame de instrução primária, para conseguir um emprego.

Ele não conhecia a Escola Oficina, mas um dia falámos a seu respeito, e, em virtude de informações que lhe dei, - por au os filhos de Nemo Vasco a tinham frequentado - , resolveu lá matricular os seus dois rapazes.

Era então director da Escola, Cesar Porto, com José Carlos entrou de perto em relações, acabando este por o convidar para professor. Em seguida, por causa de perseguições Cesar Porto deixou o cargo e indicou-o para o substituir.

Aceitou entusiasmado essa nomeação, convencido que ali poderia realizar uma excelente obra. Eu sabia o que se havia passado com o director Adolfo Lima, que fora demitido por só convir à Maçonaria, protectora da Escola, um professor liberal, e nunca um libertário. Nada disto, porém, contei ao José Carlos, para não o desanimar, e até porque, sendo já outra a época, poderia dar-se o caso de ele conseguir realizar a obra, que imaginava.

Mas arrependi-me de não o ter avisado a tempo. porque afinal ele também acabou por esbarrar com a oposição dos verdadeiros proprietários da escola que o cons

trangeram a demitir-se

Isto prejudicou-o altamente na sua vida profissional, porque, por causa da actividade escolar, apenas conservara uma pequena escrita, e, devido à sua idade, já não pôde arranjar outras, que lhe permitissem manter como dantes o seu lar.

A mulher, em quem até então tinha tido a maior confiança, ao vê-lo na decadência, passou a tratá-lo com certo desdém, e a acarinhar os dois filhos, nos quais via os seus futuros sustentáculos.

E, quanto à filha, só pensou ela em arranjar-lhe casamento rico. Para isso obrigou-a a dar atenção ao pretendente que lhe oferecia na ocasião as maiores vantagens, e a deixá-lo, quando aparecia outro que ela considerava melhor.

Fez isto algumas vezes, até que duma delas, a filha afeiçoou-se deveras a um rapaz, e já não obedeceu às ordens da mãe, para o sunstituir por outro.

O pai, nesta altura, deu razão à filha, e quase se pode dizer que lavrou a sua sentença de morte.

A mulher chamou-lhe cínico, até ameaçou de o denunciar à polícia pelas suas ideias anarquistas. Roubou-lhe, para os vender, livros da sua valiosa biblioteca, e tornou-lhe a vida tão insuportável, que ele teve de abandonar o seu lar, e ir viver com a filha numa parte de casa.

A surpresa dolorosa que esta malvada lhe causou, abalou-lhe.....(528-aqui se interrompe a história do nosso José Carlos de Sousa, para saltarmos para o linguado 534 que principia pelos Refugiados espanhois. Passemos pois ao:)

534 -.....Refugiados Espanhois

De todos os tempos, quando as perseguições se intensificaram em Espanha, refugiaram-se em Portugal alguns militantes

anarquistas,

Assim sucedeu no tempo da ditadura de Primo de Rivera.

Entre os camaradas que para aqui vieram nessa época, lembro-me de Manuel Perez, Dr. Pedro Vallina, Fontanilla, Vicente Callero e Romero.

Manuel Perez vivera muitos anos no Brasil, donde foi expulso com muitos outros para o seu país, no tempo da ditadura de Washington Luís.

Depois de ter estado algum tempo preso em Espanha, fixaram-lhe residência na província de Huelva, donde ele fugiu para Portugal.

Pertencia à indústria do Mobiliário, e quase todo o tempo que aqui esteve exerceu as funções de contínuo da sede da Travessa da Água de Flor, onde residia com a sua companheira e filhos.

O Dr. Pedro Vallina era médico em Sevilla, e tentou exercer clínica em Lisboa, mas sem resultado. Tinha muita acentuada aquela dificuldade dos espanhois em compreender os portugueses, e era preciso que o Perez o acompanhasse para lhe servir de intérprete. Acabou por se aborrecer e regressou a Espanha, mesmo no tempo da ditadura.

Enquanto aqui esteve, a organização confederal prestou-lhe grande assistência auxiliando as despesas de instalação do seu consultório.

Fontanilla era também de Sevilha. Empregou-se em Lisboa como criado de mesa. Ainda cá se encontrava em 1926, e começou a ser perseguido pela polícia do Estado Novo.

Ao princípio, a Maçonaria, de que fazia parte, interveio em sua defesa, mas acabaram por entregá-lo às autoridades de Badajoz, aonde ficou encarcerado algum tempo em péssimas condições.

Dali seguiu para Sevilha, onde o puseram em liberdade. Mais tarde chegou cá a notícia de que fora posto à margem da organização anarquista, por ter casado religiosamente. Fizera-o com uma antiga namorada, que nunca aceitara o casamento civil. Traíu a ideia, por amor, e nisto sempre merece mais consideração do que os que o fazem por interesses materiais.

José Vicente Callero era andaluz, creio que de Málaga, casado com uma operária tecelã, de nome Joana, pertencente a uma família de trabalhadores filiados na C.N.T.. Também foi preso, após o 28 de Maio de 1926, e entregue às autoridades espanholas. Não se demorou porém ali muito tempo. Conseguiu evadir-se e dirigiu-se à ilha da Madeira donde embarcou para o Brasil.

(Segue-se nota por Francisco Quintal, a esclarecer:)

Callero, durante todo o tempo que esteve em Portugal, viveu em casa do camarada Francisco Quintal, que morava, nessa altura, na rua de S. Miguel, à Alfama. Foram presos os dois, em Agosto de 1927, pelas 3 horas da manhã, estando as companheiras do dois, Miquelina e Joana, em Ponte de Sor, a passar uns dias em casa de Manuel dos Santos Sardinha, pai de Miquelina e sogro de Quintal. A polícia apreendeu ao Quintal 5000 manifestos, ainda por distribuir, intitulados "Entre a Cruz e a Espada", escritos pelo professor de Coimbra e nosso camarada Álvaro Viana de Lemos. Constou depois que tinha isto sido resultado de uma denúncia e que o denunciante era o José Pires de Matos, e que este tinha estado na escada do prédio na madrugada em que efectuaram as prisões. Matos morreu, pouco tempo depois, tuberculoso, ficando este caso envolto em certa neblina. Quintal foi deportado para a Chibia, na Huila, Sul de Angola, e Callero remitido para Espanha, donde era refractário, e seguiu como soldado

para Marrocos,nesse tempo ainda em poder dos espanhois.

Tempos depois,Callero fugiu de Espanha e voltou a Portugal,procurando Miquelina em casa de seus sogros e pais de Quintal,na rua do Marmadinho,em Lisboa.Miquelina ainda procurou diversos camaradas para pedir auxílio para Callero,mas sentiu que todos se retraíam,espavoridos com as perseguições. Nalgumas casas fecharam-lhe a porta na cara. De modo que Callero,viveu escondido,todo o tempo que esteve em Lisboa,em casa do bom burguês que era o pai de Quintal,deportado. Dormia,comia falava e lia,sem sair de um pequeno quarto;e durante todo este tempo de espera,a família de Quintal prodigalizou-lhe todos os carinhos,até que o pai de Quintal emprestou de seu bolso a quantia necessária com que Vicente passou à ilha da Madeira e daqui seguiu então para o Brasil.Nunca mais se soube dele,nem de Joana nem do filhinho, que nascera na rua de S.Miguel,à Alfama.Num album de fotografias de Quintal ainda se acha uma fotografia do pequeno brincando num jardim de Sevilha rodeado de pombas.O pai de Quintal nunca foi reembolsado do dinheiro,mas teve sempre a nobreza de perdoar essa falta,talvez muito justificável,devido aos acasos incertos da vida de um perseguido.(Nota apensa às notas de Botelho por Quintal,em 13 de Setembro de1970)

Nesta época encontrava-se em Portugal,outro camarada espanhol,de Granada,de apelido Romero.Fora em criança para o Brasil com a família,que quase toda ali morrera,ao chegar,da febre amarela ou de cólera.

Foi companheiro e amigo de Neno Vasco e de Manuel Moscoso.Por altura de 1920 foi expulso para Espanha,assim como muitos outros anarquistas espanhóis.

Desembarcaram-no em Vigo, dali mandaram-no para o cárcere de Barcelona, e on fim puseram-no em liberdade. Fugindo ao frio, depois de visitar Granada, foi para Marrocos, e dali veio para Lisboa.

Esteve aqui até 1926, como tipógrafo de "A Batalha", regressando clandestinamente ao Rio de Janeiro, onde tinha mulher e uma filha.

Nessa época esteve muitas vezes em Lisboa, fazendo frequentes viagens à América do Sul - sobretudo Argentina - um espanhol de apelido Valle, que dizia trabalhar como caixeiro-viajante. Frequentou algum tempo os nossos meios, mas de Espanha, Rafael Peña escreveu à organização anarquista, aconselhando-a a acautelar-se, porque era indivíduo ao serviço da polícia. Por cá nunca se descobriu nada, que pudesse confirmar essa acusação, e ele depois desapareceu.

Nunca tive essa certeza, mas desconfiei, que estivesse ligado às organizações internacionais que fazem contrabando de várias espécies: tráfico de brancas e estupefacientes.

(Mais uma Nota a ajuntar por Quintal, a este caso do espanhol Valle)

" O Valle apareceu um dia em Lisboa e passou a frequentar assiduamente, não a organização. mas os cafés, principalmente o Café de Itália, na rua Primeiro de Dezembro, em Lisboa. Todos os camaradas o conheceram, todos lhe falavam. Fazia-se acompanhar por uma senhora que dizia ser sua cunhada. Falava de ideias e de negócios, de projectos vários, como de lançar um sabonete transparente cujos dizeres atravessassem a massa de lado a lado, e assim por diante. Mostrava ter posses. Quando Quintal

foi a Espanha, enviado ao Congresso de Valência, como delegado da U.A.P. e, a título de informador, pela C.G.T., o Valle conhecedor do assunto, parece que já tinha conhecimento da reunião, e propôs-se ir lá individualmente, mostrando entusiasmo. De modo que, Quintal tomou o caminho de passagem clandestina da fronteira, por minas de S. Domingos, passando por Huelva, Sevilha e Valencia, onde se realizou o Congresso e onde foi formada a Federação Anarquista Ibérica (F.A.I.) Ao passo que o Valle foi de combóio e lá se encontrou com Quintal. Tomaram ambos parte no Congresso, Quintal expôs a sua missão, foi bem recebido por todos e igualmente o Valle não se notando, da parte dos camaradas espanhóis, e havia ali delegados de várias partes de Espanha, qualquer estranheza para com o Valle. Valle e Quintal retiraram por Madrid, mas aqui, o Valle ainda lá ficou, e Quintal veio um ou dois dias antes, trazendo uma pequena encomenda que o Valle lhe entregara para "su cunhada". Valle ainda permaneceu mais tempo em Lisboa, Quando veio a uma conferência nossa realizada em Lisboa, o delegado espanhol Magriña, tirámos uma fotografia, na praça da Alegria - de que faziam parte todos os assistentes à conferência e o Valle. Também. Eram, que me lembre: Manuel Joaquim de Sousa, Quintal, Fernando Barros, António Teixeira, Miquelina Sardinha com o filho ao colo, Moedas, Clemente Vieira dos Santos, Constantino de Figueiredo, Fernando de Almeida Marques, Botelho, Bretes, o delegado Magriña, e muitos outros de que me não recordo agora os nomes; mas o Fernando Barros ainda hoje conserva essa fotografia, que me mostra sempre que o visito, como uma relíquia...") (Creio que esta fotografia foi tirada antes

d

da nossa ida ao Congresso de Valencia.)

Sessões de Protesto Contra As Perseguições EM Espanha

Sobretuodo, por iniciativa de Manuel Perez, realizaram-se em várias sedes sindicais, sessões de protesto contra as perseguições em Espanha, no tempo de Primo de Rivera.

O relato do que ali se passava, exposto em termos comovedores por Perez e outros oradores, impressionou sempre todo o auditório que por vezes se manifestava vibrantemente contra as barbaridades cometidas pelos esbirros da polícia.

Numa ocasião o Dr. Vallina também compareceu numa dessas sessões, tendo o Perez traduzido as palavras que ele escreveu dirigidas ao proletariado português.

João Miranda

Fez uso da palavra várias vezes, em tais reuniões, um jovem português de nome João Mirandamque vivera alguns anos em Espanha, onde se refugiara durane a primeira guerra mundial.

Muito exaltado, a sua atitude atraíu para ele a atenção dos Jovens Sindicalistas, que não só o admitiram prontamente no seu seio, mas ainda o investiram num corpo de responsabilidade.

Havia nessa época uma certa aproximação com outras correntes esquerdistas, em virtude da ameaça de assalto ao poder pela reacção. Graças a esses contactos, relacionou-se ele com o Dr. Alpoim, chefe-socialista, que o atraíu para o seu seio, e lhe arranjou colocação na Câmara Municipal de Lisboa.

Nada tinha na cabeça, nem nunca tinha actuado no movimento libertário espanhol.

Simplesmente, havia estado algum tempo detido no cárcere

de Barcelona,onde convivera com alguns presos anarquistas que o tinham influenciado,mas não chegara a formar uma consciência verdadeiramente revolucionária.

Por isso,foi fàcilmente desviado para o campo político.

Contudo,pouco tempo conservou o seu emprego no Município,porque cometeu qualquer irregularidade,que ocasionou o seu despedimento. Desapareceu de Lisboa,indo provavelmente para a província, onde vivia seu pai,que diziam ser pessoa abastada.

Rafael Peña

Vivera muitos anos em Espanha,e para lá voltou. Natural do Porto,filho bastardo dum juíz,que nunca dele fizera caso, teve uma infância atribulada,que o desviou do chamado,muitas vezes impróprio,bom caminho.

Conheceu o cárcere por delitos comuns,mas conservou a alma pura,o que o levou a abraçar com entusiasmo e sinceridade o ideal anarquista.Por ele lutou com denodo e sacrifício,procedendo sempre na sua defesa com a maior honestidade

Durante o tempo que esteve em Portugal -em Lisboa e Porto por alturas de 1925/26,comparticipou nas nossas conferências, e colaborou em "A Comuna",usando o pseudónimo de Rocha Diniz. No seu regresso a Espanha,desenvolveu grande actividade,preconizando a necessidade de se fazer a revolução imediata, e lutou denodadamente durante o movimento de 1936/39.

Depois disso,nunca mais soube dele,e ignoro,se caíu nas frentes de batalha,ou se foi fuzilado pelos franquistas.

O Grupo anarquista " Claridade "

Pertenciam a este grupo,os jornalistas Cristiano Lima, David de Carvalho e Mário Dpmingues,então componentes da redacção de Batalha.Anunciaram,que iam piblicar uma revista,e para o seu aparecimento contribuiram

para o seu aparecimento contribuiram vários anarquistas da capital e da província.

Queriam fazer obra inovadora, que correspondesse às necessidades do momento: obra moderna e actual.

Como muitas vezes certas inovações redundam no desvirtuamento da doutrina, em que são introduzidas, o Grupo "O semeador", desejando cooperar, pediu explicações por escrito àcerca do que "Claridade" pretendia fazer nesse sentido. Trocou-se alguma correspondência em termos amistosos, mas nada de concreto conseguimos saber.

Como a revista se demorasse a aparecer, alguns dos contribuintes começaram a escrever à U.A.P., estranhando o caso. Por isso foi resolvido, numa conferência por esta realizada, nomear uma comissão, que se avistasse com os elementos daquele grupo, para colherem informações sobre a data do aparecimento da revista.

Para essa comissão fui eu nomeado, assim como Fontanilla e Raul dos Santos. Procurámos avistar-nos uma noite na redacção da Batalha com um dos componentes desse grupo, e encontrámos Cristiano Lima. Declarou-nos que continuavam a trabalhar para a publicação da revista mas que os seus deveres profissionais não lhes permitiam que as coisas avançassem com a rapidez desejada.

Depois, o regime de censura tornou impossível o seu aparecimento e ignoro o que resolveram sobre este assunto.

A Comuna de Alvarraque - " O Clarão ".

Gonçalves Correia, de Beja, e Carlos Nobre, residente em Lisboa, (creio que era do Algarve), associaram-se com entusiasmo para fundar uma colónia anarquista denominada

"O Clarão". O local escolhido foi a povoação de Albarraque, concelho de Sintra, onde compraram uma grande extensão de terra arável.

Além daqueles dois anarquistas, também fazia parte do grupo fundador um filho de Gonçalves Correia, de nome Ferer, nessa altura ainda criança, filho de Maria Adélia, professora de ensino particular, anarquista, amante de Gonçalves Correia, alma pura e sincera, que chegou a viver em Beja, na mesma cidade onde aquele camarada tinha casa sua habitada pela mulher legítima e filhos. Maria Adélia teve ainda uma filha de Gonçalves Correia, que morreu solteira.

A primeira obra que empreenderam, para a realização do seu objectivo foi a construção duma casa.

E, logo que esta teve telhado, Carlos Nobre lá se instalou - mesmo sem soalhos e sem outros arranjos interiores.

Era empregado de escritório em Lisboa e todos os dias, de manhã e à tarde, percorria a pé a distância que vai de Albarraque à estação de Rio de Mouro.

A casa foi construída com dinheiro de Gonçalves Correia, caixeiro viajante, e também negociante, e que muitas vezes o conseguia com o desconto de letras sacadas de combinação com Jorge Campelo, igualmente empregado de comércio.

Antes mesmo da casa terminar, apareceram mais dois camaradas, que desejavam ir para lá trabalhar e viver.

Falaram com Gonçalves Correia, que lhes deu o seu acordo.

O Nobre, porém, é que se recusou a recebê-los, (nunca o disse porquê.), e até recorreu à Guarda Republicana para os escorraçar. Isto deu lugar a um desentendimento emtre ele e Gonçalves Correia, que resolveu desistir da realização da sua ideia, e dispôs-se a tomar posse dos bens, que lhe